



Vol. 4 nº 8 jul./dez. 2009  
p. 199-212

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO CONCEBIDA POR KARL MARX

Maria Suzie de Oliveira<sup>1</sup>  
(Universidade Federal de Alagoas)

**Resumo:** O tema da educação não ocupou um lugar central na obra de Marx. Ele não formulou explicitamente uma teoria da educação, muito menos princípios metodológicos e diretrizes para o processo de ensino-aprendizagem. Sua principal preocupação foi o estudo das relações sócio-econômicas e políticas e seu desenvolvimento no processo histórico. Quanto à questão educacional, esta se encontra inevitavelmente enredada em sua obra. Existem alguns textos que Marx, juntamente com Engels, redigiu sobre a formação e o ensino em que a concepção de educação está articulada com o horizonte das relações sócio-econômicas daquela época. Assim, para compreendermos qual sua perspectiva na análise do fenômeno educativo precisamos passar pelo seu modo de compreender a sociedade. O propósito deste artigo é pontuar algumas das questões que chamam a atenção para uma re-leitura de Marx, hoje, no âmbito educacional.

**Palavras-Chave:** Educação; Teoria marxista; Processo de ensino-aprendizagem.

### SOME CONSIDERATIONS ON EDUCATION CONCEIVED BY KARL MARX

**Abstract:** The theme of education did not occupy a central place in Marx's work. He did not formulate an explicit theory of education, much less methodological principles and guidelines for the teaching-learning process. His main concern was the study of socio-economic relationships and political development in the historical process. On the issue of education, this is inevitably enmeshed in his work. There are some texts that Marx, together with Engels, wrote about the training and education in the concept of education is articulated with the horizon of social and economic relationships that era. So to understand what their perspective in analyzing the phenomenon of education need to go through their way of understanding society. The purpose of this article is some of the questions that call attention to a re-read Marx today in education.

**Keywords:** Education; Marxist theory; Teaching-learning process.

## 1. INTRODUÇÃO

*O próprio educador precisa ser educado.*

Karl Marx

Nos dias de hoje, diante do analfabetismo político e do chamado “analfabetismo funcional” prevalece o que se chama popularmente de burrice solene e isso também desmascara a falsa relação que se estabeleceu entre informação e educação. A educação não é um negócio, mas uma criação, ou seja, não se deve conceber a educação como simplesmente uma oportunidade para o mercado de trabalho, mas principalmente como uma contribuição para o desenvolvimento de um indivíduo social. Educação é pensar para além do limite, para além de uma sociedade do capital, para além de uma sociedade das coisas. Educar é superar o estado de alienação global e isto exige uma revolução cultural radical, que vá às raízes do que nos aliena e neste curso da mercantilização a educação acompanha o trabalho. Conforme afirma Marx:

Toda luta de classes é uma luta política [...]. A burguesia mesma, portanto, fornece ao proletariado os elementos de sua própria educação, isto é, armas contra si mesma [...]. Com o progresso da indústria frações inteiras da classe dominante são lançadas no proletariado [...] também elas fornecem ao proletariado uma massa de elementos de educação (MARX, 1993, p. 08).

Marx acreditava que a educação era parte da superestrutura de controle usada pelas classes dominantes. Por isso, ao aceitar as ideias passadas pela escola à classe dos trabalhadores (que Marx denominava classe proletária) cria uma falsa consciência, que a impede de perceber os interesses de sua classe. Assim, Marx concebia uma educação socializada e igualitária a todos os cidadãos. Marx não via com bons olhos uma educação oferecida pelo Estado-Nação burguês, capitalista, basicamente por desacreditar no currículo que ela traria e na forma como seria ensinada. Mesmo que tenha defendido a educação compulsória em 1869, Marx opunha-se a qualquer currículo baseado em distinções de classe. Defendia a educação técnica e industrial, mas não um vocacionalismo estreito.

Antigamente, a educação existia principalmente para a sobrevivência. As crianças aprendiam as habilidades necessárias para viver. Gradualmente, entretanto, as pessoas passaram a usar a educação para uma grande variedade de funções. Hoje em dia, a educação ainda pode ser usada para sobrevivência, mas também ajuda a proporcionar um melhor uso do tempo dando maior refinamento à vida social e cultural. O homem depende da educação e ela está presente no seu cotidiano. Porém, existem diferentes concepções de educação e diferentes modelos. Sua prática vai além da escola e abrange desde sociedades primitivas até as sociedades mais desenvolvidas e industrializadas.

Assim como a prática da educação desenvolveu-se, as teorias da educação seguiram o mesmo caminho, no entanto, tornou-se fácil não vermos a conexão entre a teoria filosófica e a prática educacional bem como lidar com a prática separada da teoria. A filosofia da educação tem sua origem no momento em que as pessoas se tornaram conscientes da educação como uma atividade humana diferenciada. As sociedades pré-alfabetizadas não tinham os objetivos em longo prazo e os sistemas sociais complexos dos tempos modernos nem possuíam as ferramentas analíticas dos filósofos modernos, mas mesmo a educação da pré-alfabetização envolvia uma atitude filosófica com relação à vida. Em essência a filosofia da educação é a aplicação de princípios fundamentais da filosofia à teoria e ao trabalho da educação.

A questão de evidenciar a instituição escolar resulta num dos debates mais insistentes e repetidos, principalmente quanto ao seu papel que era o de reprodutora ou transformadora, e que contribuía para conservar a sociedade ou mudá-la. Nenhuma sociedade poderia substituir sem formar seus membros em certos valores, habilidades, etc. e, por isso, toda educação é reprodutora; mas ao mesmo tempo, nenhuma sociedade atual seria, sem a escola, o mesmo que chegou a ser com ela, e, por isso, toda educação é transformadora:

Pela educação o ser humano aprende como se criam e recriam as invenções de uma cultura em uma sociedade. Cada povo, cada cultura, apresenta sua educação. Ela pode ser imposta por um sistema centralizado de poder ou existe de forma livre entre os grupos. Pela educação se pensa tipos de homens, pois ela existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais, cuja missão é transformar sujeitos e mundos em algo melhor a partir da imagem que se tem uns dos outros (BRANDÃO, 1984, p. 112).

A educação tende a ser considerada como elemento conservador da sociedade, mas por ser um instrumento formador e de expressividade em qualquer tipo de sociedade, não pode e nem deve ser vista dentro de limites fechados, analisada independentemente do contexto sócio-político e econômico em que vive tal sociedade. Deve ser encarada como parte integrante e necessária de um sistema, já que é usada de acordo com seus interesses. É um reflexo da política adotada em um país e do interesse desse país em coordená-la, é um dos maiores instrumentos de dominação em massa dentro de um sistema, perdendo apenas para a mídia que é acessada por muito mais pessoas do que o sistema educativo. Nesse contexto, Delors lembra que:

Um dos principais papéis reservados à educação consiste antes de tudo, dotar a humanidade de capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve, de fato, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e das comunidades (DELORS, 2004, p. 28-29).

Reinventar a educação é urgente além de que é preciso dessacralizá-la para se crer nela e acreditar ainda que, diferentes tipos de homem criam diferentes tipos de educação. Mais do que poder, a educação atribui compromissos entre as pessoas, a educação da comunidade, da escola, a oposição entre a “educação de educar” e a “educação de instruir”, a passagem da aprendizagem coletiva para o ensino particular, o controle do Estado, faz lembrar a educação grega.

Em todas as classes se cria e recria uma cultura de classe e formas de educação do povo. A cultura popular faz parte de sistemas populares de vida e de representação da vida, e tem uma lógica e densidade dentro da própria sociedade. Para promover educação para uma sociedade em mudança, é necessário saber que se educa para a mudança, como parte e resultado dela. Educa-se não só para que o indivíduo desempenhe melhores os mesmos e antigos papéis, mas, sobretudo, para que se desempenhem novos papéis em uma sociedade que se renova, tornando os indivíduos os próprios fatores conscientes da renovação social e para que se saiba que um processo de mudança social exige a mudança da estrutura social, para que assim se possa atender às novas e crescentes exigências do homem numa sociedade emergente.

Todavia, o projeto moderno de educação é otimista sobre as possibilidades da natureza humana e também o é do ponto de vista histórico, porque contribui para a libertação exterior do homem e da mulher em relação aos poderes que os fazem menores de idade, situando o indivíduo na sociedade e no mundo, dependendo do que ele faz e constrói. A filosofia da educação, apenas se torna significativa quando os educadores reconhecem a necessidade de pensar claramente sobre o que estão fazendo e de ver o que estão fazendo em um contexto maior de desenvolvimento individual e social. Uma vez que, o estudo da filosofia não garante que as pessoas se tornem melhores pensadores ou educadores, mas propõe perspectivas válidas que nos ajudam a pensar de maneira mais clara.

Um dos objetivos da revolução prevista por Marx é recuperar em todos os homens o pleno desenvolvimento intelectual, físico e técnico. É nesse sentido que a educação ganha ênfase no pensamento marxista. Combater a alienação e a desumanização era, para Marx, a função social da educação. Para isso seria necessário aprender competências que são indispensáveis para a compreensão do mundo físico e social. O filósofo alertava para o risco de a escola ensinar conteúdos sujeitos a interpretações “de partido ou de classe”. Ele valorizava a gratuidade da educação, mas não o atrelamento a políticas de Estado, o que equivaleria a subordinar o ensino à religião.

Marx via na instrução das fábricas, criada pelo capitalismo, qualidades a ser aproveitadas para um ensino transformador – principalmente o rigor com que encarava o aprendizado para o trabalho. O mais importante, no entanto, seria ir contra a tendência “profissionalizante”, que levava as escolas industriais a ensinar apenas o estritamente necessário para o exercício de determinada função. Marx entendia que a educação deveria ser ao mesmo tempo intelectual, física e técnica. Em suma, a Pedagogia marxiana segue alguns princípios:

- Atribuição da força educativa aos princípios ambientais e metodológicos;
- Educação no seio do grupo e no meio do grupo;
- Prioridade da formação prática do aluno, sobre a sua formação teórica;
- Sistema educativo baseado na “escola do trabalho”;
- Integração do trabalho produtivo no currículo escolar;
- Formação polivalente do indivíduo, capacitando-o para diversas actividades profissionais;
- Especial atenção à educação física e à educação estética dos alunos;
- Inculcação sistemática e indiscutida da ideologia marxista e educação para a defesa e expansão do comunismo;
- Educação dogmática e autoritária;
- Papel relevante do Estado (comunista) na educação. A família pode e deve educar somente por delegação do Estado e sob o seu controle;
- Sistema de escola única e igual para todos, sujeita a critérios “sociais” de selectividade;
- Sistema de coeducação absoluta;
- Educação com um fim social. (socialização do indivíduo realizada a partir das instituições sociais e tendo em pouca consideração a subjectividade pessoal).

A concepção marxista tinha como principais objetivos promover a mudança por meio do estabelecimento de uma consciência socialista; e construir uma sociedade socialista. Em contrapartida, a educação que Marx idealizava consistia numa doutrina de pensamento único, baseada numa concepção rígida, inflexível e burocrática, apresentando desconsideração e desprezo pelas questões filosóficas e pela liberdade intelectual.

## 2. A ESCOLA POPULAR NO SÉCULO XIX

A sociedade se apresentava cada vez mais dividida entre capital e trabalho. De um lado, os homens eram vistos e avaliados como força de trabalho e, de outro, a competição entre os indivíduos socialmente dependentes. A escola pública passava a ser desejada como instrumento capaz de apaziguar as contradições sociais e de preparar o trabalhador para as exigências do mercado, da vida urbana e do trabalho industrial. A escola pública surgia assim, tanto como problema relativo ao sistema produtivo quanto como expressão das contradições contidas nas relações sociais capitalistas.

Merecendo destaque para a Revolução Industrial como elemento importante no processo de constituição da sociedade capitalista. A divisão do trabalho e a

máquina proporcionaram uma maior quantidade de produção em um tempo menor de trabalho, o que resultou em menor valor da mercadoria. Ao ser inserido de forma sistemática na divisão do trabalho e na organização combinada e unificada dos instrumentos de trabalho, o trabalhador teve suas habilidades substituídas pela eficiência da máquina e se tornou simples acessório do processo produtivo. Essa substituição resultou na dispensa de força de trabalho e no rebaixamento salarial, mas principalmente no desequilíbrio psicológico do trabalhador.

Como os empregadores eram impulsionados pela concorrência, aqueles que não se dispuseram a burlar a lei dispensaram os pequenos trabalhadores, deixando-os à mercê da educação da rua e, portanto, sujeitos ao ócio e à corrupção. Segundo Marx, na escola obrigatória que surgiu com a Revolução Industrial, o espírito da produção capitalista surgia vitorioso na redação confusa das chamadas cláusulas de educação das leis fabris, na falta de aparelhagem administrativa. Assim, era comum aumentar a idade das crianças ou escondê-las no momento da visita do fiscal à fábrica. Os empregadores também trapaceavam oferecendo escolas fantasiosas, com professores analfabetos ou simples atestados de frequência escolar, sem nenhum ensino.

Marx reconhecia que a lei fabril, apesar de sua “aparência mesquinha”, ao exigir a relativa obrigatoriedade da instrução primária, possibilitou “conjugação educação e ginástica com o trabalho manual, e conseqüentemente o trabalho manual com educação e ginástica”, demonstrando-se um sucesso. Segundo ele, os inspetores de fábrica logo descobriram, através dos depoimentos dos mestres-escolas, que as crianças empregadas nas fábricas, embora só tivessem meia frequência escolar, aprendiam tanto e muitas vezes mais que os alunos regulares que tinham frequência integral.

A sociedade industrial, que aguçou a divisão do trabalho e retirou das mãos do trabalhador o saber produtivo, também gerou a necessidade de enviar crianças à escola. Esta necessidade não se fez pelo simples desejo de ter crianças mais cultas e instruídas, mas porque, na produção capitalista, o trabalhador precisava se tornar apto a produzir e se movimentar na sociedade. Neste sentido, a escola deveria ensinar o conhecimento adequado ao sistema produtivo, ou seja, a ciência moderna, que, em termos de currículo escolar, significava a possibilidade de aproximação entre trabalho, educação e corpo.

Para Marx, essa situação seria o germe da educação do futuro que conjugará o trabalho produtivo de todos os meninos além de certa idade com o ensino e a ginástica, constituindo-se em método de elevar a produção social e de único meio de produzir seres humanos plenamente desenvolvidos. Segundo aquele, a educação politécnica, que se apresentava como uma questão de “vida ou morte” para o capital era também uma tendência, que começava a amadurecer ao articular ensino e trabalho. E, em razão dessa aproximação entre escola e trabalho, Marx concluiu que não há dúvida de que a conquista inevitável do poder político pela classe trabalhadora trará a adoção do ensino tecnológico, teórico e prático, nas escolas dos trabalhadores. Assim, a educação pública tornou-se uma possibilidade e, ao mes-

mo tempo, uma necessidade no século XIX.

Raramente, Marx se referiu à educação no Estado Proletário. Sua preocupação recaía sobre a apropriação do conhecimento acumulado, mas não o conhecimento parcial, fragmentado ou deslocado da totalidade social. Ele apresentava como ideal a necessidade de se unir escola e trabalho. Com base nesse ideal, propunha que se desfizesse a tradicional divisão entre o ensino dado nas antigas manufaturas (pequena ciência ativa) e o ensino contemplativo formador de intelectuais contemplativos, assim como que se rompesse com a ideia de que a ciência seria capaz de explicar a verdade sobre a natureza imutável do homem.

Para Marx, a escola ou o acesso ao conhecimento não produziria a igualdade e nem determinaria o processo revolucionário. Para ele, as condições de igualdade social residiam no desenvolvimento do processo produtivo e as classes sociais e o conhecimento seriam partes integrantes desse processo. Neste sentido, por mais que Marx pensasse o processo histórico na perspectiva de luta de classes, no que se refere à escola, a preocupação não era sua adesão à classe operária.

Também no caso do ensino politécnico, Marx o considerava como o mais adequado às condições de liberdade humana que o desenvolvimento industrial havia gerado. Deste modo, sem se apoiar na escola como elemento transformador, Marx entendia que a educação escolar seria eficiente para a combinação da formação intelectual, física e teórica com o trabalho.

### 3. A EDUCAÇÃO MARXIANA NO BRASIL

Na sociedade idealizada, Marx defende o ensino integral como um aliado para consolidar a liberdade dos trabalhadores, por meio de uma educação científica, compreendendo também o ensino industrial ou prático:

A instrução deve ser igual em todos os graus para todos; por conseguinte, deve ser integral, quer dizer, deve preparar as crianças de ambos os sexos tanto para a vida intelectual como a vida do trabalho, visando que todos possam chegar a ser pessoas completas (BAKUNIN *apud* FREITAS, 2007, p. 116).

Uma formação integral implica em o aluno permanecer mais tempo envolvido com a sua educação, ainda que não seja o tempo todo na escola, pois existem outros espaços em que a sua formação pode ser completada. Essa formação ampla, envolvendo inclusive a esfera produtiva, também foi desenvolvida por Marx. Para ele, a educação na sociedade capitalista atende aos interesses do capital. Ela é determinada pela forma como se organizam as relações sociais mais amplas. Nesse sentido, a lógica da educação no capitalismo é voltada para a produção, para aumentar os lucros, objetivando o interesse da classe privilegiada: a burguesia. Nesse sistema, inclusive, o conhecimento é concebido como uma propriedade privada. Desenvolve-se então, apenas uma das potencialidades do sujeito, aquela vol-

tada para o econômico. A educação escolar da sociedade capitalista forma então, o “homem unilateral”.

Ao propor uma educação, Marx sugere uma sociedade onde não haja divisão de classes e sem a propriedade privada dos meios de produção. Ele defende uma formação para que o homem tenha todas as suas potencialidades desenvolvidas, não apenas aquela voltada para a produção.

Com o desenvolvimento no Brasil de uma sociedade urbano-industrial a partir do século XX, as relações sociais sofrem algumas modificações, alterando inclusive a forma da sociedade pensar a educação. A tradicional escola em regime de internato ou semi-internato, segundo Paro, além de muito onerosa, não respondia mais aos interesses da classe com maior poder aquisitivo. Essas pessoas podiam oferecer outras oportunidades educacionais aos seus filhos além daquelas ofertadas pelas escolas. Assim, ao invés de segregar os filhos das classes mais abastadas, passa-se a fazê-lo com os filhos das classes menos favorecidas.

Oficinas artesanais, informática, pesquisas e experiências práticas, passam a fazer parte do novo currículo escolar buscando aprofundar os conteúdos, além de culinária, cultivo e preparo de plantas medicinais e hortaliças, recreação e esportes, atividades culturais e cívicas. Na educação dita, complementar, a preocupação é específica com o reforço escolar da criança ou adolescente. E na sócio-recreativa há realização de jogos, gincanas, exercícios físicos, apresentações artísticas, brincadeiras, etc. Por fim, a educação técnica voltada para os adolescentes que desenvolvem atividades com características profissionalizantes.

Por fim, percebe-se que a educação em tempo integral apresenta-se de diferentes maneiras. E dessa diversidade de manifestações, emergem confusões (intencionais ou não) a respeito do seu conceito.

Atualmente, nos discursos marxistas, idealiza-se uma escola que contribua para a formação da consciência crítica do aluno, favorecendo, assim, um movimento intencional de transformação. Entretanto, na contracorrente da ampliação do acesso da classe trabalhadora à escola e de uma maior participação da esquerda no debate sobre as políticas educacionais e sobre a definição dos conteúdos escolares, verifica-se um declínio considerável do movimento estudantil e sindical, bem como da capacidade de mobilização social em torno de questões mais amplas.

Nos poucos movimentos sociais existentes, observamos uma redução da consciência de classe e um maior destaque ao reconhecimento de indivíduos diferentes. No âmbito maior das relações humanas, verificamos a predominância de um sentimento de competitividade entre indivíduos e grupos, que sentem a necessidade de ser reconhecidos por aquilo que ostentam. Com algumas exceções, predomina entre os jovens trabalhadores uma maior preocupação com o consumo, com a moda, que é efêmera, e com a imagem.

Logo, o debate teórico e político sobre a escola enfrentam uma situação complexa que decorre das contradições do próprio momento histórico. De um lado, a escola, por meio de seus instrumentos, busca realizar a unidade social, o compromisso político, a consciência crítica, cercando-se de tarefas cada vez mais

abrangentes. De outro, existe uma retração dos movimentos sociais revolucionários e da consciência de classe.

Nas últimas décadas do século XX, a teoria “marxista-leninista” que aparecia como alternativa “infalível” para os problemas sociais, os governos inflados, que por seu tamanho, complexidade e rigidez pareciam prender os indivíduos numa grade de ferro, sofreu um desmoronamento. A revolução socialista, os empregos e as empresas vitalícias ruíram, da mesma forma como cresceu a confiança nas organizações solidárias baseadas nas relações pessoais constantemente negociadas e renovadas.

Ao observar o abandono da radicalidade política do passado, que cede lugar para o reino flexível, no qual as pessoas passam a falar mais de si e do próximo do que dos programas políticos, sentimos a necessidade de voltar às raízes do pensamento marxista brasileiro. Nesta volta, nos concentramos em estudar aqueles que sentiram mais de perto o fracasso de seus ideais, representado pela queda do muro de Berlim e pela crise da esquerda: os pioneiros do pensamento marxista no Brasil, ou seja, o PCB, seus intelectuais e simpatizantes.

Em matéria de educação escolar, o pensamento marxista brasileiro adquiriu características muito distintas ao longo do século XX. Hoje, ele se coloca na dianteira da crítica à teoria pedagógica liberal e defende a perspectiva de uma educação escolar transformadora, mas, em sua fase inicial, não se nota a mesma postura crítica. Dessa constatação resultaram algumas dúvidas sobre qual era a concepção de educação dos pioneiros do marxismo no Brasil.

Ao aderirem à teoria marxista, muitos estudiosos fizeram um grande esforço para aplicar as análises de Marx à realidade brasileira. Dessa forma, o modo particular de desenvolvimento da história brasileira foi enquadrado na tese marxista sobre o processo universal de desenvolvimento da humanidade. Tendo como referência o processo histórico discutido por Marx, especialmente no que diz respeito ao processo de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de trabalho, esses intelectuais concluíam que, no Brasil, ainda não se havia realizado a revolução burguesa.

Com isso, a revolução operária não era o objetivo imediato e sim o cumprimento de determinadas etapas revolucionárias do próprio capitalismo, já que, desta maneira, se criariam as condições prévias para a revolução proletária. Sua perspectiva era a construção de uma moderna economia industrial, que fosse capaz de romper com o passado agrário, com o imperialismo, com a miséria e com o atraso cultural.

Os intelectuais comunistas também não discordavam do que propunham os autores tidos como liberais a respeito de um programa de políticas públicas para o Brasil, em especial de construção de um sistema de ensino público e laico. Diferentemente do que hoje as perspectivas analíticas de esquerda procuram ressaltar, tudo indica que, naquele momento, também em relação à educação escolar, não havia ainda uma nítida divisão entre os ideais liberais reformadores e os marxistas.

No Brasil, muitas mudanças foram marcadas pelo processo de desenvolvi-

mento industrial e urbano e pelo desejo de se tornar possível romper com o passado colonial, escravista, agrário. Os trabalhadores, à medida que fossem integrados aos novos desafios de produção, deveriam romper com seus sentimentos e tradições regionais e raciais, submetendo-se ao modelo de potência nacional. Naquele período, no Brasil, com o avanço industrial e a implantação do trabalho racional, ocorria uma aceleração da divisão do trabalho.

Hoje, a grande maioria dos teóricos marxistas que se voltam para o passado educacional brasileiro geralmente condena o sistema de ensino brasileiro que se constituiu naquele momento, com os argumentos de que isso se fez em nome dos interesses pela manutenção das diferenças sociais, de que o conteúdo, o método e a estrutura escolar, mais do que promover a democracia, legitimaram o poder da classe dominante, em detrimento do compromisso com os ideais da classe trabalhadora.

#### 4. JUSTIFICATIVA

O presente estudo teórico tem por parâmetro discutir a educação concebida por Marx. Para isso é necessário a apropriação e aprofundamento da categoria educação política, a partir das incursões filosóficas de Karl Marx. No momento em que a pesquisa se propõe a refletir a dimensão política da educação no pensamento de Marx, leva-se em consideração que o trabalho desenvolvido por ele através da publicação do Manifesto do Partido Comunista de 1848, na cidade de Londres, tem uma dimensão pedagógica, pois pretende conscientizar os trabalhadores através da informação contida naquela brochura acerca da necessidade da toma de consciência para a luta política contra o sistema que oprimia e alienava o operariado urbano.

#### 5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ponto de partida da história, para Marx, é a existência de seres humanos reais que vivem em sociedade e estabelecem relações. Para ele a essência do homem é o conjunto das relações sociais. Gadotti (2004) nos lembra que, para Marx, o homem não é algo dado, acabado. Ele é processo, ou seja, torna-se homem e, isto, a partir de duas condições básicas: a) ele produz-se a si mesmo e, ao fazê-lo, se determina como um ser em transformação, como o ser da práxis e; b) esta realização só pode ter lugar na história.

O que distingue o ser humano dos outros animais, conforme Marx é o fato de ele, num dado momento da história, começar a produzir os seus próprios meios de existência. O que o ser humano é coincide com “o que” e “como” ele produz.

Em Marx é a vida concreta e real que determina a consciência.

Deduz-se a partir daí que, para a compreensão do processo educativo, deve-se compreender tal processo, no caso o produtivo. Para essa análise é preciso recorrer à situação da divisão do trabalho, o que permite considerar o grau de desenvolvimento das forças produtivas de uma sociedade. Assim, toma-se como exemplo a divisão entre campo e cidade, entre trabalho comercial e industrial. A divisão do trabalho conduz a diferentes interesses ocasionando até mesmo interesses opostos.

O advento da propriedade privada provocou uma mudança decisiva na divisão do trabalho. A partir da divisão do trabalho em trabalho manual e trabalho intelectual surgem outras dicotomias: gozo e trabalho, produção e consumo, miséria e opulência. Estas dicotomias originam um conflito de interesses: o individual versus o coletivo, o público e o privado. O caráter edificante, socializante e humanizante do trabalho, onde o indivíduo constrói-se na interrelação com os demais indivíduos, desfaz-se sob a economia capitalista. A vida torna-se um simples meio de vida. Como consequência disso tem-se a chamada 'alienação', ou seja, o trabalho que o ser humano realiza produz objetos que não lhe pertencem e, além disso, volta-se contra ele como estranhos. O trabalho torna-se cada vez mais alheio ao trabalhador. Quanto mais o trabalhador produz, mais ele nega-se a si mesmo, mais se destrói física e espiritualmente.

A propriedade privada, portanto, constitui a base de todo o processo de alienação. Nos manuscritos econômico-filosóficos, Marx afirma que a superação da propriedade privada significa a emancipação plena de todos os sentidos e qualidades humanas. A educação, na sociedade capitalista, é segundo Marx e Engels, um elemento de manutenção da hierarquia social; ou o que Gramsci (1991) denominou como instrumento da hegemonia ideológica burguesa. Atualmente a situação não parece ser muito diferente daquela vivida e descrita por eles.

No entanto, uma das possibilidades de viabilizar a superação das dicotomias existentes e da emancipação do ser humano reside na integração entre ensino e trabalho. A esta integração eles designam ensino politécnico ou formação unilateral. Por meio desta educação unilateral o ser humano desenvolver-se-á numa perspectiva abrangente, em todos os sentidos. Conforme Gadotti:

A integração entre ensino e trabalho constitui-se na maneira de sair da alienação crescente, reunificando o homem com a sociedade. Essa unidade, segundo Marx, deve dar-se desde a infância. O tripé básico da educação para todos é o ensino intelectual (cultura geral), desenvolvimento físico (ginástica e esporte) e aprendizado profissional polivalente (técnico e científico) (Gadotti, 2004, p. 47).

Marx e Engels não só indicaram frequentemente que o trabalho físico sem elementos espirituais destrói a natureza humana como, também, que a atividade intelectual à margem do trabalho físico conduz facilmente aos erros de um idealismo artificial e de uma abstração falsa. Logo, a união entre os dois dá um caráter integral à educação e tomará o lugar da formação unilateral, especializada e aliena-

da. Assim, o ensino aparece como instrumento para o conhecimento e também para a transformação da sociedade e do mundo. Este é o potencial e o caráter revolucionário da educação. Há a necessidade de um processo educativo pautado em um projeto político e pedagógico definido e voltado aos interesses da grande maioria excluída.

Creio que é de grande pertinência a concepção educativa de Marx e Engels, uma vez que sua proposta recupera o sentido do trabalho enquanto atividade vital em que o homem humaniza-se sempre mais ao invés de alienar-se e, a educação é concebida, não como instrumento de dominação e manutenção do *status quo*, mas como um processo de transformação. Na sociedade capitalista contemporânea a educação reproduz o sistema dominante tanto ideologicamente quanto nos níveis técnico e produtivo. Na concepção socialista, a educação assume um caráter dinâmico, transformador, tendo sempre o ser humano e sua dignidade como ponto de referência. O atual sistema educativo, no Brasil, vem confirmando o que se diz sobre reprodução, exclusão e dominação. Projetos político-pedagógicos até existem e são propostos, mas são postos em andamento aqueles que legitimam o sistema e não representam para ele uma ameaça.

## 6. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida através de estudos bibliográficos, baseados em livros e periódicos científicos e nos autores que discutem a educação fora do espaço escolar.

## 7. RESULTADOS

Percebe-se que a educação se fundamenta no ato de educar pessoas. Acontece tanto no trabalho pedagógico, quanto no ato político, podendo ser ao mesmo tempo, movimento e ordem, sistema e contestação. Logo, é na transmissão-assimilação do saber sistematizado que a educação exerce sua função política. Compreendendo-se a educação política em Marx, esta é antes de tudo uma filosofia revolucionária que refletia as contradições internas da sociedade de classe e as exigências de superação. Ele não aceitava a educação promovida pelo estado burguês ou capitalista, pelo fato de os currículos e os métodos de ensino representarem os interesses da burguesia. Defendia a educação técnica e industrial e uma educação dogmática e autoritária. Tinha um papel relevante do Estado (comunista) na educação.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é um dos principais meios de realização de mudança social ou, pelo menos, um dos recursos de adaptações de pessoas, em um mundo de mudanças. E o objetivo da educação marxista é promover a mudança por meio do estabelecimento de uma consciência socialista e construir uma sociedade socialista. A concepção marxista de educação propõe uma formação omnilateral do homem. Trata-se, pois, de uma proposta educacional radicalmente humanista. Assim, o marxismo opera com o princípio de que tanto o corpo como a espiritualidade do homem têm que se desenvolver de forma harmoniosa e concomitante, ou seja, o homem não é apenas materialidade corporal ou, muito menos, se reduz somente à subjetividade adstrita.

Foi no contexto dessa inflexão histórica da arte do fazer que o marxismo redimensionou a concepção de formação omnilateral do homem, mesmo reconhecendo que a sua manifestação não pode se realizar no contexto da sociedade capitalista. Mas, ao mesmo tempo, o marxismo defende que o processo da omnilateralidade do homem não se dará nos marcos do “zero histórico”, ou seja, o movimento em si já nasce no âmago das próprias relações capitalistas de produção. Assim sendo, para o marxismo, o capitalismo engendrou a possibilidade histórica, de forma embrionária, da educação omnilateral por meio da combinação da educação geral, educação tecnológica e ginástica.

Com base nas ideias de Marx pode-se inferir que educar é um desafio social. Assim sendo, esta prática pode tornar-se um instrumento mobilizador para com a situação atual em que vive a população. É preciso superar uma sociedade voltada à produção aos bens de consumo, que despreza a natureza humana e histórica. O ser humano precisa ser respeitado em sua totalidade, em suas potencialidades, modo de expressão e de pensar, ter o direito a uma educação igualitária baseada em princípios democráticos e não de escravidão. Marx contribuiu para a educação do homem moderno, em sua teoria educacional, o marxismo, mistura a teoria e a prática e apresenta aos aprendizes a necessidade crucial da atividade racional e um sentido de responsabilidade social necessário para uma existência mais humana.

## 9. REFERÊNCIAS

- BAKUNIN, Mikhail. **A instrução integral**. São Paulo: Imaginário, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 9. ed. São Paulo: Cortez, Brasília/DF: MEC; UNESCO, 2004.
- FERREIRA JUNIOR, Amarílio; BITTAR, Marisa. A educação na perspectiva marxista: uma abordagem baseada em Marx e Gramsci. **Revista Interface**, v.12, n.26, p.635-46, jul./set. 2008.

FREITAS, Cezar Ricardo de; GALTER, Maria Inalva. Reflexões sobre a educação em tempo integral no decorrer do século xxi. **Educere et Educare - Revista de Educação**, v.02, n.03, 2007. Disponível em: <<http://e-revista.unioste.br>>. Acesso: 09 jul. 2009.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **A concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

MARX e educação no Brasil (1922-1935): o discurso do PCB e seus intelectuais. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/18097>>. Acesso: 09 jul. 2009.

#### NOTAS

1 Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Especialista em Gestão de Pessoas. E-mail: [mariasuzie@hotmail.com](mailto:mariasuzie@hotmail.com).

Recebido em: 22/08/2009.

Aprovado para publicação em: 09/11/2009.